



GRUPO SOBREVENTO

COMENTÁRIOS DA CRÍTICA

“Todo o ambiente é bastante íntimo e o espectador sente-se parte daquelas histórias sobre a fragilidade humana contadas com muita delicadeza. Além de belo, um alimento para a alma.”

José Cetra - Blog Palco Paulistano

“Ativa há 28 anos, a companhia se notabilizou por concepções próprias e pelo esmero cenográfico. Assim, o mergulho na classe média metropolitana devorada pelas bordas começa pelo sofá estampado de onça de uma sala, descrito quase como ser vivo (...) Seguem-se outras mobílias e objetos encharcados de memórias pungentes, a revelar a fragilidade emocional dos ocupantes. No percurso, o público move-se não só fisicamente, mas entre os registros de lírico, trágico e cômico.”

Alvaro Machado - Carta Capital

“Vale destacar o trabalho do iluminador Renato Machado e do figurinista João Pimenta, responsáveis pela ambientação das cenas, que buscaram convergir o teor dramático dos depoimentos pessoais de cada ator com o aspecto visual das cenas.”

Wellington Andrade - Revista Cult

“Foi um passo importante na trajetória do Sobrevento, que não queria mais demonstração de virtuosismo com bonecos, não queria limites. A atenção ao detalhe, a perfeição, prossegue em tudo, com o ar reverente e quase litúrgico que caracteriza o Sobrevento, ao menos nos espetáculos que vi.”

Nelson de Sá - Blog Cacilda

“Milagre teatral. O espetáculo ‘São Manuel Bueno, Mártir’ é a prova de que o teatro de animação tem poderes miraculosos e pode realizar com pequenos seres esculpidos na madeira obras com força poética rara. Com narrativa sofisticada, peça do Sobrevento é antológica.”

Luiz Fernando Ramos - Folha de São Paulo

“O que mais permaneceu do espetáculo foi a impressão deixada pelo rigor e pela riqueza do Sobrevento... É a amplitude generosa de trabalhos como ‘Orlando Furioso’ que mais instiga, que estimula a seguir novos ou até rever caminhos esquecidos.”

Nelson de Sá - Folha Online

“Desde a sua estreia aqui em 1996 com a notável Mozart Moments, o grupo brasileiro Sobrevento mostra enormes avanços técnicos e estéticos. Está hoje na maturidade da sua particular linguagem, que funde bonecos e atores num todo expressivo e orgânico”.

Pedro Labra Herrera - El Mercurio - Chile

“O Grupo Sobrevento se especializou no teatro de bonecos e de manipulação de objetos, conseguindo uma notável sofisticação nesse ramo”.

Patricia Espinosa - Ambito Financiero- Argentina



Formado em 1986, o GRUPO SOBREVENTO é um grupo profissional de Teatro que mantém um repertório de espetáculos e que se dedica à pesquisa, teórica e prática, da animação de bonecos, formas e objetos. Desde sua fundação, o Grupo mantém um trabalho estável e ininterrupto e tem-se apresentado em mais de uma centena de cidades de 23 estados brasileiros. O SOBREVENTO esteve, também, no Peru (1988), Chile (1996, 2002, 2009, 2010 e 2017), Espanha (1997, 1999, 2000, 2001, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2014 e 2018), Colômbia (1998 e 2002), Escócia (2000), Irlanda (2000), Argentina (2001), Angola (2004), Irã (2010), México (2010), Suécia (2011), Estônia (2011), Inglaterra (2013), França (2017), Eslováquia (2018), China (2017 e 2019) e Índia (2020), representando o Brasil em alguns dos mais importantes Festivais Internacionais de Teatro e de Teatro de Bonecos.

Os espetáculos do Grupo são muito diferentes entre si, quer seja na temática, quer seja na forma, na técnica de animação empregada, no espaço a que se destina ou no público a que se dirige. Têm recebido, constantemente, Prêmios ou indicações para Prêmios da importância do Mambembe (Funarte/Ministério da Cultura), Coca-Cola, Shell, APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Maria Mazzetti (RioArte), sendo sempre apontados pela crítica especializada entre os melhores de suas temporadas. Por duas vezes consecutivas, em 1994 e em 1995, o SOBREVENTO recebeu do Ministério da Cultura o Prêmio Estímulo, pelo conjunto dos seus trabalhos e “pela sua contribuição ao panorama das Artes e da Cultura do país”.

Além das apresentações de seus espetáculos, o SOBREVENTO desenvolve diversas atividades no campo do Teatro de Bonecos e de Animação, como a realização de Cursos, Oficinas, Palestras e Mesas-Redondas, tanto no Brasil como no exterior. Realizou, também, duas Mostras Internacionais de Teatro de Animação no Rio de Janeiro, em 1992 e em 1995, e foi diretor artístico do Primeiro Festival Internacional de Teatro do Rio de Janeiro - Rio Cena Contemporânea, em junho de 1996 e curador do Festival SESI BONECOS DO MUNDO, realizado em Brasília (2005), em São Paulo (2006), em Manaus (2007), em Recife (2008) e em Brasília (2009), do Festival SESI BONECOS DO BRASIL, realizado em diversas cidades das regiões Sudeste e Sul, entre agosto e setembro de 2006. Também fora dos Festivais que organizou, foi responsável pela vinda e pela circulação pelo país de diversas companhias estrangeiras de Teatro de Bonecos. Atualmente é curador do Festival Internacional de Teatro de Objetos - FITO realizado em diferentes capitais do país, desde 2009. Em 2003, 2004, 2006, 2008, 2012, 2014, 2016 e 2017 foi apoiado pelo Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. Em 2010, foi patrocinado, por dois anos, pela Petrobras.

Os últimos espetáculos do Sobrevento foram Mozart Moments (1991), Beckett (1992), O Teatro de Brinquedo (1993), Ubu! (1996), Cadê o meu Herói? (1998), O Anjo e a Princesa (1999), Brasil para Brasileiro Ver (1999), Submundo (2002), O Cabaré dos Quase- Vivos (2006), O Copo de Leite (2007), Orlando Furioso (2008), Meu Jardim (2010), Bailarina (2010), A Cortina da Babá (2011), São Manuel Bueno, Mártir (2013), Sala de Estar (2013), Eu Tenho uma História (2014), Só (2015), Terra (2016), Escombros (2017), Noite (2019) e O Amigo Fiel (2019). Dirigido, ainda hoje, por Luiz André Cherubini e Sandra Vargas, seus fundadores, o Grupo Sobrevento é reconhecido, nacional e internacionalmente, como um dos maiores especialistas brasileiros em Teatro de Animação e uma das principais Companhias estáveis de Teatro do Brasil.

Apesar de sua longa carreira, somente em 1º de junho de 2009 abriu a sua primeira sala pública, o seu primeiro espaço. O ESPAÇO SOBREVENTO é o único espaço da cidade de São Paulo dedicado ao Teatro de Animação. Com uma programação sempre gratuita, recebeu 43 de alguns dos maiores nomes do Teatro de Animação mundial, de diferentes países.

Fragilidade humana. Esse foi o ponto de partida da pesquisa empreendida pelo GRUPO SOBREVENTO nos anos de 2012 e 2013. SALA DE ESTAR é um espetáculo itinerante onde os espectadores só precisam dar alguns passos para lá ou para cá, em uma arena onde as cenas acontecem em torno do público: uma experiência que lembra uma instalação plástica e que garante à montagem um clima de intimidade e proximidade.



Em janeiro de 2012, a companhia criou núcleos de estudo para se debruçar sobre a dramaturgia no Teatro de Animação voltado ao público adulto, aprofundando-se na questão da fragilidade. A partir do mote escolhido, o grupo criou uma encenação que traz ao espectador seis cenas, seis estações cênicas onde são desenvolvidas histórias cujo estopim partiu de um segredo, uma confissão do ator. Cada intérprete, ainda na fase da pesquisa, foi instado a confessar um segredo (não necessariamente ou totalmente verdadeiro), algo que, emocionalmente, fizesse diferença na trajetória de vida deles. Brotou, nesse momento, junto com o tom confessional, a fragilidade do ser humano.

A partir da ótica de cada um dos atores, são compartilhados com o público, com delicadeza e singeleza, as lembranças e segredos - nem sempre verdadeiros - adormecidos em suas memórias. Para o desenvolvimento da ideia, os atores se valem de objetos - gaveteiros, escrivatinhas, sofás, chapeleiros, bloquinhos, cartas - para, junto com a dramaturgia, dar corpo e voz à fragilidade de cada um dos personagens.

SALA DE ESTAR foi criado a partir das possibilidades e limitações do Teatro de Objetos, a vertente mais moderna do Teatro de Animação. A técnica baseia-se no uso de objetos prontos, ready-mades, no lugar de bonecos, deslocando-os da sua função (mas sem transformar a sua natureza), para explorar uma dramaturgia que se vale de metáforas, símbolos e figuras de linguagem, em lugar da manipulação propriamente dita.

Para acompanhar a pesquisa desenvolvida, o Grupo Sobrevento convidou grandes nomes internacionais: Agnés Limbos, da La Gare Central, uma das mais importantes companhias de teatro da Europa, sediada na Bélgica e Antônio Catalano, ator italiano dos mais originais e interessantes da atualidade, fundador da Casa Degli Alfieri situada nas colinas de Monferrato (província de Asti, norte da Itália).

O espetáculo estreou em novembro de 2013, no Espaço Sobrevento, em São Paulo. Em 2014, cumpriu uma segunda temporada, no mesmo local, entre julho e agosto. Em 2015, circulou pelo interior de São Paulo, graças ao Proac do Governo do Estado, e pelo Centro-Oeste do Brasil, com patrocínio da Petrobras.

DRAMATURGIA E CONCEPÇÃO DA MONTAGEM

A pesquisa do novo espetáculo teve como ponto de partida a exploração da linguagem do Teatro de Objetos, cruzando-a com o tema fragilidade. Na primeira fase, o grupo investigou as possibilidades da construção de uma dramaturgia intimista e delicada a

partir dos objetos. A partir de depoimentos pessoais dos atores, foram criadas improvisações baseadas nas suas relações com seus objetos.

Nasceu, desse processo confessional, a dramaturgia do espetáculo, baseada nos depoimentos pessoais e que resultou em seis cenas, que transitam entre a verdade e a mentira, a confissão e a ilusão, cada uma delas feita por um ator. A encenação apresenta recortes de salas de estar de diferentes pessoas, de diferentes épocas.

O iluminador Renato Machado e o figurinista João Pimenta, responsáveis pela ambientação das cenas, ajudaram a criar módulos de grande impacto visual, onde atores e objetos se fundem aos ambientes nos quais estão encerrados, nos quais se incrustaram, por suas histórias.

TEATRO DE ANIMAÇÃO MODERNO PARA ADULTOS

O Teatro de Animação moderno é uma ampliação dos limites que o senso-comum estabeleceu, preconceituosa e equivocadamente, para o Teatro de Bonecos. Espalhado por todas as épocas e por todos os lugares do mundo, o Teatro de Animação funde linguagens cênicas, mistura modernidade e tradição, mistura erudição e popularidade, tem como palco qualquer espaço e tem como alvo públicos de todas as idades e grupos sociais, um de cada vez ou todos de uma só vez. Em São Paulo, no entanto, vemos poucos espetáculos que exploram a linguagem do Teatro de Animação para adultos, por sua inviabilidade econômica, o que, muitas vezes, não acontece quando o Teatro de Animação se dirige ao público infantil. O SOBREVENTO é um dos poucos Grupos de Teatro de Animação do Brasil que se têm dedicado ao público adulto e, sempre, com grande profundidade e êxito. O Grupo tem lutado por difundir a ideia de que o Teatro de Bonecos deve ser antes Teatro e depois de Bonecos e que toda técnica deve estar a serviço daquilo que se quer dizer. Dominando um grande número de técnicas de animação, o Grupo montou, entre outros, os espetáculos SUBMUNDO, UBU!, O THEATRO DE BRINQUEDO, BECKETT, O CABARÉ DOS QUASE-VIVOS, QUASE NADA, ORLANDO FURIOSO, SÃO MANUEL BUENO MÁRTIR, SALA DE ESTAR, EU TENHO UMA HISTÓRIA e SÓ, apresentados em quase todos os estados do Brasil e em países de quatro continentes.

Metafísica das quinquilharias

Sala de estar, do grupo Sobrevento, faz uso da técnica do teatro de objetos para dar novos significados às coisas

Wellington Andrade

“Quem conhece o solo e o subsolo da vida, sabe muito bem que um trecho de muro, um banco, um tapete, um guarda-chuva, são ricos de ideias e de sentimentos, quando nós também o somos, e que as reflexões de parceria entre os homens e as coisas compõem um dos mais interessantes fenômenos da terra.”

Machado de Assis, Quincas Borba, CXLII.

Sala de estar, a mais recente criação do grupo Sobrevento (em cartaz no galpão que serve de sede à companhia, localizado próximo à estação Bresser-Mooça do metrô), propõe ao espectador a fruição de seis singulares ocorrências construídas cenicamente a partir dos motes da fragilidade, do segredo e da confissão. Há dois anos, o grupo iniciou um processo de estudo da dramaturgia no teatro de animação voltado ao público adulto, interessando-se por investigar a questão da fragilidade humana. Cada intérprete foi buscar em sua própria história de vida um segredo pessoal que serviu de base à criação de um monólogo – cujo registro oscila entre o ficcional e o confessional – para o qual concorre o uso de inúmeros objetos como sofás, quadros, miniaturas, gaveteiros, bloquinhos, escrivatinhas, cartas, chapeleiros...

O público entra em contato com essas cenas por meio do percurso itinerante que é convidado a trilhar dentro do galpão. De posse de um banquinho recebido logo na entrada do espaço, o espectador se desloca lá dentro, de tempos em tempos, rumo à cena que será apresentada autonomamente por cada um dos seis integrantes do grupo, tão logo a luz se acenda sobre o intérprete. Depois deste sinal inicial, basta à plateia acomodar-se em torno do pequeno tablado diante do qual se sentou e usufruir a delicada experiência ali desenvolvida.

A técnica utilizada em Sala de estar é a do teatro de objetos, vertente mais moderna do teatro de animação, que trabalha com objetos prontos, ready-mades, no lugar de bonecos, deslocando-os de sua função original (embora sem transformar a natureza deles), a fim de explorar uma série de novos significados que possam nascer desses usos. O verbete “Teatro de Objetos”, do Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos (Editora Perspectiva/Edições Sesc São Paulo), afirma: “Há, em torno de qualquer objeto, uma aura de espaço físico criada pela sua presença, em que se constrói dramaturgia pela fricção (relação de corpos), gerando sensações e emoções diversas. Entre as inúmeras acepções se vislumbra a gama de situações em que ele se ‘presenta’ no espaço-tempo cênico. Posto em palavra, o objeto sofre ressemantizações. Feito matéria, ele é mostrado, consumido, animado, construído ou destruído. Converte-se em personagem, sofre metamorfoses, traz em si um caráter lúdico, simbólico, e opera deslizamentos metonímicos e metafóricos. O atuante joga com o objeto e faz-se objeto em cena, em distintos graus.”

Pois bem, o uso dos objetos por meio dos quais cada cena trata, de modo singular, de fragilidades, segredos e confissões faz de Sala de estar um espetáculo cujo mote é chegar à essência das coisas. E aqui a etimologia não poderia soar mais consequente para o espetáculo concebido pelo grupo Sobrevento: as palavras “estar” e “essência” privam de sentidos comuns. Originário do latim stare, o verbo estar (cujo étimo remete à forma indo-europeia “st”, presente em inúmeras palavras modernas com o sentido de “ficar de pé”, como em estante, estável, estabelecer...) significa “ser em um dado momento” ou “encontrar-se em certo estado ou condição”. Já o substantivo essência implica a ideia “daquilo que constitui o cerne de um ser, isto é, sua substância”. Se, então, em ambos os vocábulos – estar e essência –, é inequívoca a manifestação do “ser”, impossível não pensar que o próprio verbo ser (cujo campo semântico aponta para as noções de “estar”, “ficar”, “existir”, “tornar-se”) originou-se do latim sedere (“estar sentado”, “assentar”). Da ideia original de “estar sentado”, a palavra passou à de “estar” e daí à de “ser”, conforme atesta o Dicionário etimológico da língua portuguesa, de

Antônio Geraldo da Cunha. Assim, o galpão do Espaço Sobrevento desdobra-se em seis recortes de salas de estar que recebem para uma agradável visita não somente os personagens como também os próprios espectadores. Ou melhor, o galpão do Sobrevento desdobra-se em seis recortes de salas de estar... e de ser.

O principal objeto da cena conduzida por Sueli Santana é um prosaico sofá, cuja estampa de oncinha se confunde com o figurino usado pela personagem. De objeto cênico específico o sofá converte-se rapidamente no tema central da exaltada conversa que a intérprete entabula com a plateia. Ela odeia sofás e credita a eles a origem de grande parte dos males da humanidade, senão de todos. A atmosfera cômica vai crescendo em registro de puro nonsense até o momento em que uma revelação, parcimoniosamente comunicada à plateia, conduz a um desfecho dramático, que une dois seres. O ser daquela mulher e o ser de uma criança. O primeiro, encrespado e defendido contra todos os sofás que há no mundo. O segundo, abandonado e indefeso diante de um único sofá – assento-sede de uma imemorial violência. A breve cena desenvolvida por Roberta Nova Forjaz é de um lirismo comovente, acentuado ainda mais pelo melancólico som de piano que lhe serve de trilha sonora. Tendo por companhias fumo e álcool, uma mulher adulta, vestida de branco, evoca algumas cenas familiares do passado, envolvendo um pai, uma mãe e uma filha. A rememoração, diluída, esfumaçada, materializa-se diante dos olhos do espectador por meio do uso de uma tela de projeção e de três bonecos em miniatura – dispostos sobre uma pequena mesa giratória – que representam aquelas figuras. E o efeito é de uma beleza ímpar. A sutil emoção que emana da voz da intérprete paulatinamente se projeta sobre o movimento vertiginoso dos bonecos girando sobre a mesa. Aqui, memória e vertigem conduzem à fruição do ser. Tudo gira em torno do ser ou é o ser, ele próprio, que está girando em um, digno de Clarice Lispector, “vertiginoso relance”.

Liana Yuri conduz a cena em que sua personagem apresenta um velho gaveteiro, de onde retira alguns objetos do dia-a-dia. Mais do que a real significação de cada utensílio, o que parece importar aqui é a ação de abrir e fechar reiteradamente cada compartimento, o que pontua por sua vez o movimento de revelação e de ocultamento presente no discurso da personagem, em que de tempos em tempos surge a palavra violência. Abrindo mão da tensão dramático-narrativa presente nos quadros anteriores, a cena de Liana constitui uma declaração sui generis sobre as imagens da intimidade que pode guardar um obsoleto gaveteiro, evocando, assim, o famoso ensaio de Gaston Bachelard, *A terra e os devaneios do repouso*, no qual o filósofo afirma que a vontade de olhar para o interior das coisas (segundo Hans Carossa, “O homem é a única criatura da terra que tem vontade de olhar para o interior de outra”) não somente “torna a visão aguçada, a visão penetrante” como também “transforma a visão numa violência”, por detectar “a falha, a fenda, a fissura pela qual se pode violar o segredo das coisas ocultas”.

Daniel Viana constrói sua cena em torno da figura de um pai tão amado quanto ausente. A personagem que o intérprete encarna soa como um tipo algo pitoresco, deslocado no tempo, trajado de excêntricos paletó e gravata borboleta amarelos. O quadro se inicia com uma pergunta feita a alguns espectadores: que imagem evoca a figura de seu pai? Depois de ouvir algumas das respostas, o intérprete se concentra em apresentar à plateia um pequeno bloquinho onde surgem, página a página, imagens que reconstroem sua história com o pai. O efeito se assemelha bastante ao da técnica de animação de stop motion, pela qual uma narrativa é montada fotograma a fotograma ou quadro a quadro. O virar constante das páginas em sequência cria a ilusão de movimento – do personagem em busca do próprio pai e, por extensão, do ser indo em direção ao mais ancestral dos princípios fundadores.

Sandra Vargas conduz a cena mais naturalista de todas. Vestida de vermelho, sua personagem está sentada em uma antiga poltrona, tendo sobre o colo uma velha caixa de guardar papéis, de onde retira muitas cartas antigas, lidas com incontida emoção. Uma a uma, as cartas vão recompondo uma história de ordem pessoal que projeta, em escala maior, a terrível trajetória do Chile (e de todo continente latino-americano) nas décadas de 1970 e 1980. Os temas da família, da viagem e do exílio, revelados nas missivas, entrelaçam-se indiretamente, como não poderia deixar de ser, com temas como arbítrio, violência e opressão. A leitura sucessiva

daqueles velhos papéis aos poucos faz reviver a figura da mãe exilada que adoeceu de saudade das filhas, acentuando o itinerário do ser em direção à fonte, à ordem original.

Um chapeleiro antigo onde repousa um solene guarda-chuva serve de mote à cena desenvolvida por Mauricio Santana, cujo personagem – falante, seguro, ligeiramente arrogante – evoca uma narrativa de uma improvável aventura ligada a um mergulho no mar. Tal como na cena de Liana Yuri, o que sobressai aqui é o discurso, cujo objetivo parece ser converter as coisas de que trata em objetos de arrematada loquacidade. Não à toa, a história contada por esse narrador fala de um ato de nudez, estando ele impecavelmente vestido da cabeça aos pés. Estamos aqui no reino do ser fadado à narratologia, como defendia Roland Barthes. Vale destacar o trabalho do iluminador Renato Machado e do figurinista João Pimenta, responsáveis pela ambientação das cenas, que buscaram convergir o teor dramático dos depoimentos pessoais de cada ator com o aspecto visual das cenas.

Se, ao final de Através do espelho e o que Alice encontrou lá (uma viagem rumo ao autoconhecimento que a reflexão diante do espelho pode proporcionar) a pequena protagonista criada por Lewis Carroll descobre curiosamente que todos os poemas que ela ouviu serem recitados em suas aventuras até ali tratavam, de algum modo, de peixes (animal ligado ao tópico da morte), os espectadores mais atentos de Sala de estar irão logo perceber que em cada uma das cenas do espetáculo está presente, em meio aos demais objetos, uma efígie ou pequena escultura de leão. Naturalmente, porque a figura do rei dos animais representa o poder e a força que devem servir de antídotos contra todas as fragilidades reveladas no espetáculo. Mas possivelmente também porque o leão simboliza a ressurreição (O cristianismo primitivo conheceu a prática do ornamento de túmulos com leões de modo a garantir a ressurreição posterior do morto). E renascer é próprio tanto do personagem teatral quanto do ser, como apregoa a metafísica impregnada em cada quinquilharia exposta aqui. Ao sair do espetáculo, o espectador há de concordar com a poeta curitibana Alice Ruiz: “É de estarrecer. Estar e ser em inglês é a mesma coisa”. Como idênticas também são, segundo o Sobrevento, as salas de estar e de ser.

welingtonandrade@revistacult.com.br



Wellington Andrade

Bacharel em Artes Cênicas pela UNIRIO e em Letras pela USP, onde também desenvolveu suas pesquisas de mestrado e de doutorado, Andrade é professor do curso de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero e um dos autores da História do Teatro Brasileiro (Editora Perspectiva/Edições SESC-SP).

Sala de Estar

Quando: até 31/8, sábados e domingos, às 18h e 20h

Onde: ESPAÇO SOBREVENTO – Rua Coronel Albino Bairão, 42

Quanto: gratuito

Info: (11) 4328-3589 ou info@sobrevento.com.br

Palco Paulistano

Pontos de vista de um espectador... Por José Cetra

segunda-feira, 18 de agosto de 2014

TEMPOS DE DELICADEZA NO ESPAÇO SOBREVENTO

O aconchegante Espaço Sobrevento fica a algumas quadras do mastodôntico Templo do Cifrão, perdão, do Salomão do bispo Edir Macedo. Poucos quarteirões e muitas diferenças os separam.

No último sábado tive o privilégio de ir ao espaço Sobrevento por duas vezes. À tarde levei minha netinha Laura de oito meses para o seu debut teatral no Teatro para Bebês realizado pelo grupo. **À noite voltei ao Sobrevento para assistir a outra delicadeza da companhia: Sala de Estar. Os espectadores são colocados no meio do espaço teatral e com banquinhos deslocam-se para cada sala de estar localizada nos cantos do espaço onde ouvirá o relato do seu habitante.**

São seis cenas nascidas a partir de “confissões” dos próprios atores. Utilizando-se largamente do Teatro de Objetos (um sofá, um gaveteiro e os guardados nas suas gavetas, cartas, bonecos são tão personagens quanto os atores em cena, além da figura do leão que perpassa todas as cenas nas mais variadas formas) e das cores (cada cena é quase monocromática no cenário e no figurino) a peça conta a histórias de uma senhora que odeia sofás, de uma mulher obcecada pela relação com os pais, de uma jovem e seu gaveteiro, das saudades que um jovem tem de seu pai, das cartas que uma mãe exilada envia às suas filhas e de um homem de preto defronte a um espelho. Todo o ambiente é bastante íntimo e o espectador sente-se parte daquelas histórias sobre a fragilidade humana contadas com muita delicadeza. Seria o leão um símbolo de como o homem é frágil perante a natureza? E o que representam as cores de cada cena? Tenho minhas respostas e cada um tem a sua. Assim é e assim será.

Além de belos e de ser um alimento para a alma, os espetáculos do Sobrevento são gratuitos. Por outro lado, para fazer suas orações, você paga R\$45,00 para entrar no Templo do Cifrão, perdão, do Salomão. A Escolha é sua!

JOSÉ CETRA é Mestre em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp, pesquisador de artes cênicas, testemunha do teatro que se faz em São Paulo desde a década de 1960. Espectador assíduo de teatro e de cinema. Especialista em teatro paulistano.

Espetáculo mergulha na classe média metropolitana

Grupo Sobrevento move-se pelos registros líricos, trágicos e cômicos em espetáculo que usa dados biográficos de atores em proposta colaborativa

por Alvaro Machado — publicado 09/08/2014 09:03, última modificação 09/08/2014 09:03

Quantas memórias se encravam nos cômodos da casa familiar? Que histórias se entranham nas paredes de uma morada após décadas de ocupação? O que poderiam contar velhos móveis? Essa é a original proposta dramatúrgica e cenográfica do Grupo Sobrevento, que se valeu ainda de dados biográficos dos atores do coletivo para recheiar os seis esquetes de *Sala de Estar*.

Ativa há 28 anos, a companhia se notabilizou por concepções próprias e pelo esmero cenográfico. Assim, o mergulho na classe média metropolitana devorada pelas bordas começa pelo sofá estampado de onça de uma sala, descrito quase como ser vivo, no hilariante quadro interpretado por Sueli Andrade. Seguem-se outras mobílias e objetos encharcados de memórias pungentes, a revelar a fragilidade emocional dos ocupantes. No percurso, o público move-se não só fisicamente, mas entre os registros de lírico, trágico e cômico.

Sala de Estar

Espaço Sobrevento, SP

Até 31 de agosto

Espectáculo aborda a fragilidade a partir da relação com o espaço

Em 'Sala de Estar', Grupo Sobrevento cria diferentes ambientes cênicos



Elenco do Grupo Sobrevento em 'Sala de Estar': múltiplos ambientes (Foto: Marco Aurélio Olímpio)

O Espaço Sobrevento apresenta a partir de hoje o espetáculo [“Sala de Estar”](#), uma criação coletiva do grupo dirigida por Luiz André Cherubini. Utilizando elementos do Teatro de Objetos, a peça aborda o tema da fragilidade. Seis estações cênicas contam diferentes histórias de uma maneira quase intimista. Sandra Vargas, Sueli Andrade, Roberta Nova Forjaz, Liana Yuri, Daniel Viana e Mauricio Santana estão em cena e participaram de todo o processo de criação de “Sala de Estar”. Ainda no período de pesquisa, os atores foram instados a confessar um segredo; a partir da fragilidade dessa exposição foram elaboradas as histórias da peça, que estabelecem uma forte empatia com o público.

– No espetáculo, nem todas as histórias são verdadeiras porque isso é teatro. Tudo tem algo que é um mistério, uma confissão, mas até certo ponto. Em um dado momento as pessoas percebem que todas essas confissões são também teatro – destaca o diretor André Cherubini. – É um jogo muito curioso esse do “Sala de Estar” porque são seis nichos onde acontecem seis histórias que depois, de alguma maneira, se unem na sua fragilidade. São seis momentos que acontecem em seis diferentes salas de estar.

A opção da fragilidade como tema central do espetáculo se deu a partir da pesquisa com o Teatro de Objetos, que, em vez de usar bonecos, recorre a objetos prontos como elementos da encenação.

– Todo Teatro de Objetos é autobiográfico, ele nasce de revelações, depoimentos; e percebemos que os objetos entravam em conflito com a verdade desses depoimentos. Então passamos a usar os objetos como eles realmente são e não como metáfora de alguma outra coisa. Por meio desses objetos as pessoas acabam revelando a sua intimidade. A escolha pela fragilidade vem justamente desse caráter autobiográfico do Teatro de Objetos, pelo caráter de depoimento que ele sempre tem – detalha Cherubini. Para o diretor, o público se envolve com os significados mais profundos que todo objeto carrega, muito embora hoje eles sejam mais descartáveis e não carreguem o peso da história e das metáforas que possuíam no passado. Da mesma forma, o grupo utiliza os diferentes espaços cenográficos para criar emoções distintas junto aos espectadores:

– São diferentes salas, maneiras distintas de ver as pessoas. Salas muito modernas, sala retrô, hiperdecorada... São mundos que vão montando diferentes estações, como no teatro medieval. É uma espécie de espetáculo itinerante, em que o público tem que dar um passinho para lá, um passinho para cá. Esses poucos passos que o público tem que dar os obriga a entrar num quarto em que ele não foi convidado, é como se ele invadissem de certa forma. Ele foi visitar uma sala e aí presenciou alguma coisa. Isso gera uma sensação importante para o espetáculo porque a gente acredita que o ambiente é parte dessa comunicação teatral que a gente persegue, esse encontro. Porque para nós teatro é, sobretudo, encontro.



FICHA TÉCNICA

Criação: Grupo Sobrevento

Direção: Luiz André Cherubini

Dramaturgia e interpretação: Sandra Vargas, Sueli Andrade, Roberta Nova Forjaz, Liana Yuri, Daniel Viana e Maurício Santana

Figurino: João Pimenta

Assistente de figurino: Marcelo Andreotti

Iluminação: Renato Machado

Músicas: Valsa final - "Memórias de Elly Annes", composta por Henrique Annes e executada por Carlos Amaral; "Canção para não voltar", composta por Leo Fressato e executada pela Banda Mais Bonita da Cidade

Cenário: Luiz André Cherubini

Video Mapping: Christian Lins

Técnico de Luz: Marcelo Amaral

Técnico de Som: Aginaldo Souza

Cenotécnica e adereços: Aginaldo Souza e Mandy

Assistentes de confecção: J. E. Tico, Léia Izumi e Alexandre Teizen

Fotos: Marco Aurelio Olimpico, Lauro Medeiros e Luanda Moraes

Programação visual: Marcos Correa - Ato Gráfico



CONDIÇÕES TÉCNICAS

- A - Título: SALA DE ESTAR
- B - Público-Alvo: Adulto.
- C - Espaço:
Palcos tradicionais ou salas alternativas. Cada espectador recebe um banco desmontável, muito leve, semelhante a uma maleta, que carregará durante o espetáculo, que é itinerante. Dimensões mínimas do espaço: 10m x 12m x 4,5m (altura).
- D - Duração:
Duração do espetáculo: Cerca de 1h40m.
Tempo de montagem: Cerca de 8h
Tempo de desmontagem: Cerca de 4h.
- E - Necessidades Técnicas - Pessoal e Equipamento:
Pessoal de apoio à montagem: 1 eletricista e 4 carregadores.
Equipamento de luz: 6 PCs 1000w e 6 elipsoidais.
Equipamento de som: A trilha é executada por um notebook levado pelo grupo. São necessárias mesa e caixas de som.
Equipamento de vídeo: O grupo leva projetor e cabos.
Alimentação: Café e água durante a montagem. Caso haja atraso na montagem, providenciar lanche no próprio teatro.
- F - Transporte de Cenário - Carga, Composição, Dimensão, Peso:
O material pode ser transportado em um caminhão-baú e ocupa um espaço aproximado de 36 m³, pesando, aproximadamente 800 Kg. O elenco pode ser transportado em uma van em trajetos de até 300 km.
- G - Elenco:
6 atores, 1 iluminador, 1 operador de som e vídeo.
Podem ser acomodados em 4 quartos duplos.
Atores-manipuladores: Sandra Vargas, Sueli Andrade, Roberta Nova Forjaz, Liana Yuri, Daniel Viana e Maurício Santana
Técnico de luz: Marcelo Amaral
Operador de som e vídeo: Luiz André Cherubini



ENDEREÇOS

ESPAÇO SOBREVENTO

R. Coronel Albino Bairão, 42
Metrô Bresser-Mooça - São Paulo - SP

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

R. Tenente Azevedo, 104/201-A
01528-020 - São Paulo - SP

TELEFONES

ESPAÇO SOBREVENTO

(11) 3399-3589

CELULARES / WHATSAPP

(11) 99237-5132

(11) 96625-8215

INTERNET

CORREIO ELETRÔNICO

grupo@sobrevento.com.br

SÍTIO

<http://www.sobrevento.com.br>

REDES SOCIAIS

<https://www.facebook.com/sobrevento/>

<https://www.instagram.com/sobrevento/>